

## **A entrevista biográfica na (re)construção de cinco histórias de ser e se tornar idoso(a)**

**Sofia Cozinheiro e Ricardo Vieira**

**Centro de Investigação Identidades e Diversidades, do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)**

**Palavras-chave: velhice, heterogeneidade, metodologia etnográfica, entrevista biográfica, trajectória biográfica, projecto de vida, qualidade de vida.**

A velhice, à semelhança de outras fases da vida, não é adquirida mas sim construída e reconstruída através daquele que a vive e do contexto onde se vive, sendo por isso auto e hetero construída. Partindo desta premissa, esta comunicação, pretende dar a conhecer a heterogeneidade do ser idoso. Uma heterogeneidade formada a partir de subjectividades, de idiosincrasias, de diferentes caminhos e escolhas exemplificadas em cinco idosos estudados.

O estudo que suporta esta apresentação foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação e Diversidade Cultural. O mesmo busca conhecer e compreender o mundo subjectivo dos idosos através do entendimento dos factos na perspectiva do outro – Metodologia Etnográfica. A etnografia é uma forma de investigação que recolhe dados com a preocupação de compreender o outro. Esse outro não tem necessariamente de ser um outro submisso ou subalterno, esse outro pode ser o outro banal ou familiar que se encontra ao nosso lado ou no meio de nós, e neste caso a “[...] etnografia permite ao investigador ver-se naquilo que já pensava conhecer, evidenciando o seu etnocentrismo” (Caria, 2003: 12). As entrevistas biográficas foram as ferramentas usadas para captar o mundo interior dos cinco idosos.

As entrevistas demonstram que a identidade do idoso é um processo que se constrói e reconstrói ao longo do tempo, inserindo-se numa trajectória biográfica. Esta trajectória é marcada pelos recursos existentes e por uma busca de sentido para a vida. Assim, a trajectória de vida dos idosos é influenciada pela procura de projectos e por uma alternância de escolhas e de opções. Nesta alternância busca-se um equilíbrio entre o que se tem e o que se é e o estabelecimento de estratégias que permitem inventar-se diferente. É nesta proporção, entre ser o que se é e inventar-se diferente, que reside a qualidade de vida dos idosos!

As in other stages of life, old age is not acquired, but built and reconstructed by the subject and the context in which (s)he lives, being therefore, hetero

and auto created. Based on this premise, the aim of this communication is to show the heterogeneous character of an elderly person. A heterogeneity which is formed from subjectivities, different paths and choices which have been exemplified by the five elderly people studied.

The study backing this presentation took place within the scope of the Master's Degree in Education and Cultural Diversity. The aim of the study is to meet and understand the subjective world of the older generation by understanding the facts from the perspective of the other – Ethnographic Methodology. Ethnography is a type of research which collects data whilst being concerned in understanding the other. That other does not necessarily have to be submissive or subservient, (s)he may be an ordinary person or family member beside or among us, and in that case “[...] ethnography enables the researcher to see himself in what he thought he already knew, thus making his ethnocentrism evident” ( Caria , 2003: 12). The biographical interviews were the tools used to capture the inside world of the five elderly people.

The interviews show that the identity of the elderly is a process that is created and recreated throughout time, being embedded in a biographical trajectory. That trajectory is marked by the existing resources and by a search for a sense to life. In this manner, the life trajectory of old people is influenced by the search for projects and by a change in choices and options. The aim of such change is the search for a balance between what one has and what one is, and the establishment of strategies that enable them to be different. It is in this balance, between being what they are and being different, that the quality of life of the elderly resides!

## **INTRODUÇÃO**

As crianças e os idosos materializam a multiculturalidade das sociedades modernas. Contudo, esta multiculturalidade é vivida por estes sujeitos como uma fragilidade, pois esta desafia a realidade da condição humana, o que se opõe ao desejo de uma sociedade que se quer jovem e eterna, capaz e produtiva (Gusmão, 2003).

A Enfermagem e o Serviço Social são ciências do cuidar. Os seus desafios passam por acompanhar as mulheres e homens nas diferentes fases da vida, que vão do nascimento à morte, e, em todas elas, encarar a pessoa humana como um ser holístico.

O envelhecimento é um processo comum a todos os seres vivos e que evoca um desenvolvimento contínuo, embora mais marcado durante as últimas fases da vida, culminando com a morte. Envelhecer é um processo experiencial subjectivo embora incluído uma dimensão social concreta, contextualizada e datada.

O desenvolvimento da Enfermagem e do Serviço Social passa pelo conhecimento da realidade investigada na visão dos seus actores.

Assim, o estudo que aqui apresentamos é uma tentativa de dar mais um passo no caminho da Enfermagem Geriátrica e dum Serviço Social devidamente contextualizados, investigando e desocultando a identidade do ser idoso a partir das suas trajectórias de vida narradas na primeira pessoa e projectadas numa história de vida.

Para atingir este objectivo envereda-se por uma perspectiva interdisciplinar, apoiada quer nas Ciências da Enfermagem, na Psicologia, na Medicina, na Sociologia, na Antropologia e nas Ciências da Educação, entre outras.

O estudo dirige-se à população idosa, uma população desvalorizada pela sociedade ocidental que estigmatiza, marginaliza e segrega os idosos, embora, como se sabe, cientificamente, não existe uma única velhice mas, antes, várias formas de envelhecer.

Neste contexto apresentam-se de seguida as principais questões orientadoras da investigação:

- Como se constrói a identidade do idoso?

Ou, mais especificamente:

- Como é que o idoso se representa, ou seja, com que é que se identifica?
- Como é que o idoso acredita que os outros o representam, ou seja, o identificam?
- Será a identidade do idoso variável consoante o contexto em que este está inserido?
- Será a identidade do idoso associada a processos de saúde/doença?
- Será a identidade do idoso despersonalizada, no sentido em que é atribuída a um ser que já não é, porque já foi?

A construção identitária é um processo que se dá de dentro para fora e de fora para dentro, ou seja, é um processo auto e hetero construído.

É auto construída porque a subjectividade intervém na construção subjectiva do eu e do seu projecto. É hetero construída porque as condições objectivas que habitamos condicionam a vida e o projecto existencial.

Descobrir quem somos e qual o caminho percorrido para aí chegarmos é reflectir sobre um percurso que frequentemente é tortuoso, composto de avanços e recuos, de escolhas mais ou menos conscientes, de riscos que se decidiu travar ou evitar.

O caminho trilhado buscou o conhecimento e a compreensão do mundo subjectivo dos idosos a entrevistar. Um mundo que envolve consciência, valores, intuição, emoções e acima de tudo histórias (Vieira, 1999, Vieira, 2003). Um mundo parcialmente desocultado, neste estudo, através de uma metodologia etnográfica.

Esta metodologia operacionalizou-se através de entrevistas profundas de carácter biográfico através das quais se (re)construíram cinco histórias de ser e de se tornar idoso(a).

## PERCURSO

### *O que se pretende investigar?*

Pretendeu-se desocultar como é que o idoso constrói a sua identidade, ouvindo aqueles que atravessam/vivem um processo de velhice. Contudo, como idoso e sociedade não

são realidades separáveis, ao ouvir a voz do idoso estava-se também a ouvir o meio social onde este se insere.

## *Que percurso escolher?*

O percurso escolhido enquadra-se num paradigma interpretativo (Geertz, 1989, 2001) ou compreensivo, buscando o entendimento dos factos na perspectiva do outro, numa perspectiva *émica* (Vieira, 2003), apelando à história de vida do idoso.

A metodologia etnográfica e as histórias de vida em específico dão visibilidade ao particular para que, através deste, se aceda a um outro mais geral sem necessariamente generalizar.

## *O que são as histórias de vida?*

Para Poirier *et al.* (1999) a história de vida é uma retoma à tradição oral. Esta tradição deixou de ser transmitida a partir do momento em que as pessoas mais velhas se começaram a sentir desvalorizadas e desqualificadas perante os mais novos, que têm concepções e práticas de vida absolutamente diferentes. Estes autores acreditam que nos “[...] encontramos em presença das «últimas testemunhas» duma lógica social e duma concepção de vida de que a própria memória corre o risco de desaparecer com aqueles que são os seus últimos depositários.” (1999: 8). As histórias de vida assumem-se, deste modo, como um retorno à transmissão oral, outrora indefinidamente repetida e hoje ausente, e que este trabalho de investigação pretende retomar. Nesta retoma, os entrevistados, assumiram o papel principal pois nesta metodologia o “[...] investigador perde o controlo da relação, necessariamente de poder, que lhe dá o facto de ser o único que controla o saber, pois o saber que agora interessa está no personagem a entrevistar.” (Guerra, 2006: 18).

Para Bogdan e Biklen (1994: 92) as histórias de vida incluem-se nos estudos de caso, consistindo estes na observação detalhada de um contexto ou indivíduo, de uma única fonte ou documentos, ou de um acontecimento específico. A história de vida é realizada

através de entrevistas exaustivas com uma pessoa, tendo como objectivo atingir uma narrativa na primeira pessoa.

## *Como foram recolhidas as diferentes histórias de vida?*

Através de entrevistas profundas de carácter biográfico, que obedeceram aos seguintes critérios:

- Idosos provenientes de diferentes contextos de forma a diversificar os testemunhos, não sendo contudo uma preocupação garantir a sua saturação (Cf. Guerra, 2006);
- Idosos que representassem casos de envelhecimento positivo, ou seja, uma velhice feliz pelo menos na perspectiva dos próprios;
- Idosos sem limitações na capacidade de verbalização e comunicação de ideias e que se apresentassem disponíveis para participar no estudo.

Como refere Ribeiro “[...] *na escolha dos entrevistados devem estar presentes preocupações de diversificação dos actores sociais, por forma a expandir e enriquecer a informação obtida e evitar sobreposições/colagens a leituras sobre o tecido social estudado.*” (2003: 264). Neste sentido, este estudo focou casos pontuais e diferentes tentando captar a heterogeneidade social e cultural característica do ser idoso, não se buscando, pois, uma representatividade estatística, mas, antes, alguma representatividade social.

O trabalho de campo iniciou-se com a realização de uma entrevista exploratória permitindo a construção de uma guião a partir do mundo dos sujeitos investigados (Vieira, 1999, 2003) e ainda a descoberta de que a etnografia é, na realidade, estar disponível para o outro e para o que ele tem para nos contar. A entrevista etnográfica produz conhecimento porque parte de categorias do mundo do outro, colocando-o a pensar mais em profundidade em dimensões não escritas, não ditas, não divulgadas, não explicitadas, nem para a sua própria mente nem para os outros (Vieira, 2003).

A impossibilidade de generalização deve-se ao facto de cada história de vida, cada percurso e cada processo de formação ser único. Assim, tentar elaborar conclusões generalizáveis seria absurdo. Como refere Dominicé, citado por Moita (1995: 116):

“Neste caso, a verdade não cabe na generalização. Existe uma singularidade de cada história de vida, que não permite que se considere como verdadeira toda a generalização que não tenha em conta essa singularidade”. Deste modo, ler o geral a partir de uma singularidade radical exige um esforço que se quer profundo.

Neste sentido, o uso de apenas cinco histórias de vida no estudo realizado poderá ser alvo de alguma crítica, argumentando-se a sua pouca representatividade mas, como refere Morse (1991)<sup>1</sup>, “[...] é mais pertinente em investigação qualitativa ter uma amostra não probabilística mas apropriada do que ter uma amostra probabilística que não o seja”. Também Vieira (1999: 43) concorda que neste tipo de abordagem o papel do investigador é a descoberta de factos ou processos e o seu entendimento, pelo que o uso de metodologias muito extensivas se tornaria um entrave á compreensão. Efectivamente, o importante neste tipo de abordagem é conseguir que os participantes correspondam às diferentes propriedades concretas de um grupo, neste caso do grupo de idosos que possuímos na nossa sociedade. Por isso, a comparação tornou-se uma mais valia. Assim, a dificuldade de obter resultados generalizáveis neste tipo de estudo é, na opinião de Vieira, “[...] o preço a pagar pela profundidade destas metodologias” (1999: 43).

É o individual e o social, que este traz por arrasto, que se pretende obter através da voz dos idosos, através das histórias que nos demonstraram como chegaram ao que são hoje, como construíram a sua identidade.

*Como se organizou o trabalho de campo?*

A realização de uma entrevista exploratória deu início ao trabalho de campo. O objectivo desta entrevista foi, por um lado, permitir um primeiro contacto com uma metodologia nova e, por isso mesmo, desconhecida. E, por outro lado, construir, a partir desta primeira entrevista, um guião. Este guião serviu de base às diferentes entrevistas a realizar e resultou da conjugação entre o quadro metodológico e os novos dados resultantes da entrevista exploratória.

---

<sup>1</sup> Cit. in Fortin (2000: 156)

O trabalho de campo durou aproximadamente cinco meses, estendendo-se de Março a Julho de 2006.

A Vitória e o Mestre frequentam a mesma instituição (lar de idosos) sendo que a Vitória é residente e o Mestre é voluntário. A aproximação a estes dois idosos foi feita através de um dos enfermeiros do lar que funcionou como informante privilegiado e proporcionou o encontro com os mesmos. Este serviu também de intermediário entre investigadores e a direcção do lar a quem foi pedida a autorização para as respectivas visitas. As entrevistas, que em média foram de duas a três por idoso, decorreram em ambientes privados (na sua própria casa, ou na instituição onde presentemente residem<sup>2</sup>), no dia e na hora previamente combinados para o efeito, de forma a privilegiar a disponibilidade do entrevistado. A duração das entrevistas foi variada, tendo sido obtidas entrevistas de 40 minutos e entrevistas de 2 horas, consoante as características do entrevistado. Ao longo do estudo estiveram sempre presentes diversos princípios éticos como seja o de informar correctamente os entrevistados acerca dos objectivos da investigação, a protecção das fontes e a confidencialidade, a busca da neutralidade e o controlo dos juízos de valor e a tentativa de clarificar ideias. A busca da dimensão subjectiva, vivida e sentida por estes cinco idosos é uma tarefa que implica intimidade, empatia e estabelecimento de uma relação de confiança. Abrir o nosso “eu” e o nosso passado a alguém que conhecemos apenas superficialmente, ou que nem sequer conhecemos, não é tarefa fácil.

Ao longo das diferentes entrevistas procurou-se sempre que a intervenção fosse a menor possível pois, “[...] *quanto menor for a intervenção do entrevistador, maior será a riqueza do material recolhido, dado que a lógica e a racionalidade do informante*

---

<sup>2</sup> O relativo grau de dependência de alguns entrevistados assim como uma maior dificuldade de adaptação a ambientes estranhos fez-nos optar por realizar as entrevistas no seu local de residência (excepto no caso do Mestre que me facultou as entrevistas na instituição onde não reside, mas faz voluntariado). O objectivo foi assim minimizar ao máximo as dificuldades na cedência da entrevista e, ainda, diminuir os elementos estranhos. Guerra salienta que quando “[...] as entrevistas se realizam em casa do entrevistado, ou nas suas proximidades (café do bairro, colectividade, etc.), os vizinhos e a restante família podem interferir em demasiada, gerando problemas” (2006: 60). A experiência obtida com este estudo mostrou-nos que, com esta população, o ambiente familiar assim como em alguns casos a presença de familiares, foi uma mais valia ajudando a complementar ideias, a relembrar datas, a ordenar percursos.

*emergirá mais intacta e menos influenciada pelas perguntas”* (Guerra, 2006: 51). Neste sentido, a primeira entrevista, mais que as restantes, era uma entrevista de descoberta e de conhecimento. A segunda, e em alguns casos a terceira entrevista, visavam essencialmente captar assuntos e temas não abordados e aprofundar aspectos que apenas superficialmente foram mencionados, de forma a tornar a história de vida o mais completa e verídica possível.

### **CAMINHOS TRILHADOS**

O Mestre tem 80 anos. Completou a escola primária em adulto. Exerceu a profissão de cerâmico. Casou e enviuvou há cerca de 6 anos. Tem dois filhos e três netos. Reformou-se aos 62 anos. Já reformado iniciou voluntariado num Centro de apoio a idosos, colaborando na olaria da instituição.

O Doutor tem 87 anos. Licenciou-se em Económicas, e trabalhou nas alfândegas. Casou com uma açoriana e teve dois filhos. Durante o seu percurso profissional foi por diversas vezes parar aos Açores, tendo sido governador civil do distrito Autónomo da Horta. Reformou-se aos 70 anos. Após a reforma voltou à sua terra natal empenhando-se activamente em várias associações da região. É insuficiente renal e por isso entrou em tratamento de hemodiálise. Mais tarde foi-lhe amputado o membro inferior direito. Contudo, as doenças e as alterações da imagem corporal trazidas pelas mesmas não o impediram de conviver e de continuar a viver activamente os últimos tempos de vida.

A Vitória tem 92 anos. Fez a quinta classe. Ficou viúva aos 50 anos. Teve apenas um filho. Tem dois netos que ajudou a crescer após a morte da nora. Com um único filho, uma nora com quem mantém relações muito frágeis e com os netos já casados, acabou por ir aos 89 anos para o primeiro dos 2 lares que frequentou. Perdeu o filho há cerca de 17 meses. Há cerca de um ano teve uma queda que resultou numa fractura do colo do fémur. Não obstante, a força de vontade que a caracteriza fá-la lutar por continuar a andar e, por isso, encontrámo-la algumas vezes apoiada apenas numa bengala recusando-se já a usar o andarilho.

O João tem 76 anos. Aos nove meses viu a sua vida modificada por uma poliomielite que lhe afectou o hemisfério direito. Concluiu o antigo sétimo ano. Casou há 51 anos. Desse casamento resultou um único filho, portador de deficiência. Reformou-se da função pública aos 62 anos. Aos 76 anos é assaltado por uma neoplasia do cólon e fica com uma colostomia definitiva. Está ainda a recuperar de um internamento prolongado e com algumas complicações, mas, tal como uma criança, vai, a pouco e pouco, fazendo as suas gracinhas, recuperando, retomando o que era familiar e habitual.

A Maria tem 80 anos. Não foi à escola mas aprendeu a ler e a escrever. Ficou viúva após 52 anos de casamento. Tem duas filhas, 4 netos e 4 bisnetos. Trabalhou na agricultura e nas limpezas. Hoje vive sozinha. É sócia do Centro de apoio domiciliário e do centro de dia. Doz que não necessita ainda do primeiro e que não tem tempo para frequentar o segundo. Não obstante, participa em todas as actividades elaboradas pelo centro e a sua casa encontra-se sempre repleta de amigas, nomeadamente aos Domingos.

A construção das identidades encontra-se delimitada pelos espaços estruturais (Santos cit in Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004: 97), dos quais fazem parte o espaço doméstico, o espaço escolar, o espaço do trabalho, o espaço comunitário, o espaço mundial, entre outros

Neste espaço dedicamos especial atenção à escola, ao trabalho e à reforma, à família, à morte e à qualidade e projecto de vida.

## *A ESCOLA E A ESCOLA DA VIDA*

Com escolaridades diferentes os idosos entrevistados exemplificam na sua maioria situações em que se assiste a uma reprodução social, na qual os de famílias escolarizadas escolarizam-se e os de famílias pouco escolarizadas mantêm-se pouco escolarizados. Aconteceu com a Maria, o Mestre, a Vitória e o Doutor.

O João, apesar de ser proveniente de uma família de classe média-baixa de pescadores, estudou até ao antigo 7º ano, com o incentivo e a ajuda, essencialmente, da mãe constituindo assim a excepção nestes 5 casos.

De salientar, contudo, que há mais saberes fora dos saberes da escola. No caso dos adultos não escolarizados ou pouco escolarizados é o saber experiencial o instrumento mais importante de sobrevivência e de acção.

O método biográfico usado neste estudo assumiu-se não só como um instrumento de investigação mas, também e essencialmente, como um instrumento de formação. Este permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador para si.

A aceitação da heterogeneidade da categoria social de idoso passa pela aceitação e respeito por uma aprendizagem ao longo da vida, excluindo preconceitos e estereótipos que enfatizam uma diminuição das capacidades de aprendizagem nos adultos e, principalmente, nos idosos, desmistificando assim que existam idades estanques para aprender, idades para trabalhar e idades para descansar.

## *TRABALHO E REFORMA*

O trabalho encontra-se intimamente ligado à identidade. Quantas pessoas são conhecidas não pelo seu nome mas pela sua ocupação/profissão?

Dos idosos entrevistados todos fizeram referência ao trabalho e às ocupações desempenhadas. Contudo, o trabalho parece ter, nestes idosos, maior valor social e de realização para os homens.

As idosas entrevistadas falam-nos do trabalho doméstico (lida da casa, a criação dos filhos) e do auxílio dados aos respectivos maridos, pelo que para elas o trabalho é uma ocupação e uma fonte de rendimento.

A passagem de trabalhador activo para inactivo dá-se com a entrada no período de reforma.

Assim, a aposentação é, muitas vezes, o marco que dita a passagem ao estatuto de idoso, já que socialmente o facto de se estar reformado identifica-se e associa-se ao facto de se ser velho. A aceitação e a vivência deste período assumem contornos variados e múltiplos.

Os idosos entrevistados são o exemplo de uma reforma activa, assente na descoberta de novos caminhos e novas fontes de satisfação e enriquecimento pessoal, quer no meio familiar, quer na comunidade envolvente, e isto desde a dedicação à família e ao lar até à descoberta de novas aprendizagens, passando pelo voluntariado e pela animação. Várias são as actividades que permitem a ocupação do tempo e a obtenção de prazer e satisfação pessoal.

## *FAMÍLIA EM MUDANÇA: DA CASA CHEIA AO NINHO VAZIO*

A família, porto seguro da maioria dos indivíduos, tem nos últimos tempos sofrido várias modificações e alterações.

É neste sentido que cada vez mais surgem famílias unipessoais, formadas por pessoas isoladas, na sua maioria com mais de 65 anos e, essencialmente, do género feminino. Verifica-se também que cada vez mais as famílias são mais verticais e menos horizontais. Esta realidade confronta-nos com o duplo papel assumido por muitos idosos que se tornam cuidadores e dependentes de cuidados.

Todos os idosos entrevistados assumiram o papel de cuidadores, nomeadamente perante os idosos da família no seu passado.

A consciência dos apelos a que filhos e netos estão sujeitos (devido ao número reduzido de filhos, a necessidade de manter o emprego, a empregabilidade da mulher), fá-los acreditar que dificilmente possam vir a ser cuidados exclusivamente pela família. Apesar disso, nenhum esconde a vontade de permanecer o maior tempo possível no seu lar, na companhia dos seus, surgindo o recurso aos cuidadores formais sempre como uma segunda opção.

### *MORTE E PERDAS*

A velhice traz, à consciência de todos, os limites a que estamos sujeitos. Por isso ela lembra a morte, realidade universal e comum a todos os seres vivos, embora frequentemente interdita, escondida e ocultada. Raramente se morre em casa e junto da família.

Recentemente, alguns atravessaram uma experiência de luto e as manifestações dessa experiência passam pouco pelo uso de vestuário negro e mais pela cerimónia do funeral e pelo culto do cemitério e da sepultura/campa.

O diagnóstico de cancro foi uma necessidade vivida por vários entrevistados obrigando-os a confrontarem-se com o fim da sua própria vida ou daqueles que lhe são próximos. Também a perda de entes queridos lembra e/ou agudiza a consciência da própria morte. Três idosos abordaram espontaneamente o tema morte. Um apenas o fez quando questionado; outro evitou-o constantemente.

### *QUALIDADE E PROJECTO DE VIDA*

A qualidade de vida é um conceito de difícil definição que inclui um conjunto de aspectos, uns de natureza mais objectiva, outros de natureza mais subjectiva.

Os idosos com quem conversei descrevem nas suas narrativas uma história de vida que, no geral, classificam como satisfatória e promotora de uma realização pessoal e, portanto, com qualidade de vida.

O projecto representa muitas vezes uma forma de garantir ou diminuir a qualidade de vida.

A qualidade de vida dos idosos aqui estudados passa pela presença de projectos, uns mais virados para si, outros mais dirigidos para o outro.

Quatro idosos expressam alguns desses projectos. A Vitória não o faz. A observação das práticas e a sua forma de estar, a apresentação corporal e as atitudes permitem inferir que ela continua com um projecto vivo.

### *VELHICES EM (RE)CONSTRUÇÃO*

A identidade não é um facto nem uma estrutura estática, mas, antes, um processo e um sistema aberto a trocas e interacções.

### *A IMPORTÂNCIA DA TRAJECTÓRIA BIOGRÁFICA*

A identidade é um processo que se constrói e reconstrói ao longo do tempo, inserindo-se assim numa trajectória biográfica.

O processo identitário é, assim, um caminho percorrido individualmente por cada um de nós ao longo do tempo; ao longo de uma trajectória pessoal que nos permite cruzar com muitos outros. Nesta relação com o outro, o reconhecimento desse outro assume-se com uma importância extrema. O reconhecimento de outrem é necessário em todas as fases da vida mas nem todas as fases da vida são valorizadas e devidamente reconhecidas, sendo a velhice uma dessas fases.

Os idosos que entrevistámos não se identificam com esta velhice estigmatizante, desvalorizada, que a sociedade e alguns velhos teimam em transmitir. Assim, assumem a sua idade mas não a sua velhice, têm 76, 80, 87 e 92 anos, mas são diferentes dos outros velhos e são diferentes entre si. São o João, a Maria, o Mestre, o Doutor e a Vitória.

### *OS RECURSOS DO EU*

Os recursos existentes intervêm directamente no processo identitário alargando ou retraindo as escolhas.

Um dos recursos mais mencionados pelos idosos é a presença de um relativo grau de saúde, o apoio da família e dos amigos e a existência de instituições de solidariedade

social que apoiam os idosos. O poder económico, apesar de ser um recurso importante, parece não ser considerado prioritário.

### *O PROCESSO IDENTITÁRIO E A BUSCA DE SENTIDO*

Com frequência avaliamos qual o sentido que pretendemos dar ao nosso caminho, qual o sentido que queremos para a nossa vida e para o nosso bem-estar. Como refere Kaufmann (2005) os sujeitos de hoje têm cada vez mais o poder e o dever de dar sentido à sua própria vida, e é nisso que consiste a procura identitária. Por isso elaboramos projectos...

### *PROJECTO*

A ideia de projecto encontra-se assim no cerne da revolução identitária pois, através dele, cada um pode criar-se diferente...

Dar sentido à vida é um belo projecto, a dificuldade surge quando constatamos que os projectos podem ser múltiplos e a vida é somente uma (Boutinet, 1990).

E é por isso que alguns projectos ficam incompletos, outros concretizam-se com maior ou menor facilidade, mas não são impossíveis!

### *Ser O Que Se É*

Ser o que se é significa ser o que a vida fez de si mesmo, adaptar-se ao que se tem e ao que se é.

O percurso da Maria é pautado por uma escassez de recursos económicos e culturais que lhe limitaram as oportunidades de seguir outro caminho. Cresceu e viveu na mesma aldeia dos pais e do marido, trabalhou por necessidade e nunca foi detentora de um grande poder económico. Não obstante, gosta de aproveitar as oportunidades de ser

outrem e por isso aprecia o Carnaval e a possibilidade de se mascarar. Gosta de participar em festas e em excursões.

## *Inventar-Se Diferente*

A Busca de sentido para a vida, a elaboração de projectos, o estabelecimento de objectivos e metas são estratégias de se “inventar diferente”.

Para o Mestre a reforma foi um momento de viragem que lhe trouxe a liberdade desejada. O voluntariado uma opção com a qual adquiriu novos amigos e conhecimentos.

Para o João a doença funcionou como uns óculos que lhe permitiram ver a realidade de uma outra forma. Continua a sonhar mas delimita os seus sonhos tornando-os mais palpáveis e atingíveis e, finalmente, consciencializou-se do amor da sua esposa por si.

A Vitória optou conscientemente pela institucionalização e se, por um lado, essa opção a conduziu a alguns conflitos (com outros utentes e mesmo com a direcção), por outro, ganhou novas amizades, explorou novos talentos e reconstruiu-se num mundo que escolheu por opção e com muita força de vontade.

O Doutor continua a inventar-se constantemente mesmo quando a doença o assombra e altera o seu corpo e o seu dia-a-dia, fazendo-o depender primeiro de uma máquina e depois de uma cadeira de rodas.

## **(RE)LEMBRANDO**

Após a análise dos extractos das histórias de vida aqui apresentadas brevemente, há mais constatações e compreensões do que, propriamente, conclusões a apontar, como dissemos de início.

A mais forte e significativa marca deste estudo é a existência de cinco histórias diferentes, distintas, autónomas. Histórias de pessoas simples e comuns, pessoas que podiam representar o futuro de qualquer um de nós. Histórias vividas, sentidas e

também sofridas. Através delas podemos reconstruir-nos pois elas apelam à reflexão e à subjectividade de todos aqueles que, inevitavelmente, estão sujeitos ao processo do envelhecimento.

Com este trabalho, tornou-se possível a experiência de captação, entendimento e reflexão de alguns aspectos significativos no trajecto de vida de um grupo tão especial, quanto desconhecido – o dos idosos.

Temos todos, profissionais sociais, da saúde e da educação, de procurar alterar o olhar monolítico perante o outro, neste caso o idoso, e, antes, desocultar as diversidades que há em cada modo e projecto de viver a velhice.

Apesar de se tratar de uma pesquisa de cariz etnográfico, de nela termos privilegiado as vozes dos sujeitos para hermeneuticamente se pensarem a si próprias, temos plena consciência que essas vozes estão algo omissas, dado a natureza do texto. Fica, pois, essencialmente a reflexão sobre o papel da etnografia na análise e compreensão de idosos que integram a estereotipada categoria social da velhice. Contudo, mesmo o texto, muito dele apresentado na 3.<sup>a</sup> pessoa, sem muitos recursos à familiar primeira pessoa colocada nas pesquisas biográficas, parece-nos dar conta de que, efectivamente, estivemos lá, como se diz na Gíria antropológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994), *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOUTINET, Jean Pierre (1990), *Antropologia do Projecto*. Lisboa : Instituto Piaget.
- CARIA, Telmo (2003), “A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras”, in: Telmo Caria, *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, pp. 9-20.
- FORTIN, Marie F. (1998), *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- GEERTZ, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. RJ: Guanabara.
- GEERTZ, C. (2001). *Nova Luz Sobre a Antropologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GUERRA, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Estoril: Príncípia Editora.
- GUSMÃO, Neuza (2003), *Infância e Velhice: pesquisa de ideias*. Campinas: Alínea Editora.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2005), *A Invenção de Si*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MOITA, Maria da Conceição (1995), “Percurso de Formação e de Trans-Formação”. In: António Nóvoa, *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, pp. 111 – 140.
- POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul (1999), *Histórias de Vida*. Oeiras : Celta.
- RIBEIRO, José da Silva (2003), *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- STOER, Stephen; MAGALHÃES, António; RODRIGUES, David (2004), *Os Lugares da Exclusão Social*. São Paulo: Cortez Editora.
- VIEIRA, Ricardo (1999), *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (2003), “Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos”. in: Telmo Caria, *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, pp. 77-96.